

ENTRE FRONTEIRAS PÚBLICO/PRIVADO

Traduções de caminhografias urbanas nas galerias comerciais de Pelotas/RS

*THE DISCOURSE OF ABANDONMENT
From popular housing to housing precariousness*

Paula Pedreira Del Fiol¹ e Eduardo Rocha²

Resumo

Este ensaio é uma tentativa de discussão sobre dados coletados na rua. São elementos experimentados através da metodologia de pesquisa intitulada caminhografia urbana, onde buscamos um cruzamento entre teorias sobre urbanismo e filosofia, praticando a cidade vivida desde a produção de subjetividades — individuais e coletivas. Este texto é um diálogo entre diversos autores, que escrevem através de diversas linguagens e signos, e uma tradução de experiência produzida por nós. Para, então, discutir, desde um olhar onde o corpo está presente de fato, para então pensarmos em novas conexões entre o urbano e a arquitetura. Como discussão investigamos como o método da caminhografia urbana pode auxiliar a desvelar *entre-lugares* e a partir disso, tratamos temas como o pedestre como ponto chave para as dinâmicas citadinas, como é possível que lugares sejam dinâmicos, e por isso, seus projetos também precisam o ser, como a infraestrutura precisa ser fortalecida para quem caminha, e as galerias aparecem como suporte de todas essas discussões.

Palavras-chave: público/privado, traduções, galerias comerciais de Pelotas/RS, caminhografia urbana.

Abstract

This essay is an attempt to discuss data collected on the street. These are elements experienced through the research methodology entitled walkgraphy, where we seek a cross between theories about the city and philosophy, practicing the lived city from the production of subjectivities — individual and collective. This text is a dialogue between different authors, who write through different languages and signs, and a translation of experience produced by us. In order, then, to discuss the city, from a point of view where the body is actually present, so that we can think of new connections between the urban and architecture. As a discussion, we investigated how the walkgraphy method can help to reveal between-places and from that, we treat themes such as the pedestrian as a key point for city dynamics, how it is possible for places to be dynamic, and therefore, their projects also need the being, how the infrastructure needs to be strengthened for those who walk in the city, and the galleries appear as a support for all these discussions.

Keywords: public/private; translation; commercial galleries of Pelotas/RS; walkgraphy.

1 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPel. Bacharela em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 Professor Associado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestre em Educação pela UFPel, Doutor em Arquitetura pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pós-Doutor pela Università Roma Tre.

Caminhos a traçar

Este ensaio versa sobre os *entres* de galerias comerciais e a rua. Buscando entender como se dão as relações de pessoas, arquiteturas e mesmo o urbano nesses lugares, a intenção, de maneira alguma, é excluir um ou outro, e sim descobrir como se dão as conexões entre esses corpos, a partir do método de pesquisa da caminhografia urbana. Este é um recorte da dissertação de mestrado da autora, e, por isso, apresenta apenas³ uma tradução, entretanto, ao total, são cinco traduções dessa experiência, e elas aparecem entrecruzadas neste texto. Este escrito está disposto em ordem cronológica, por isso, algumas vezes, o encadeamento entre uma ideia e outra se dá de maneira desruptiva.

Dito isso, este trabalho propõe o encadeamento de acontecimentos cotidianos, através de algo que enunciamos como *traduções*. Entendendo elas como uma recriação a partir do novo e do antigo (OLEGÁRIO, 2018), sendo o novo a análise do material reunido — o texto já lapidado e a discussão feita em cima desse material — e o antigo a base de dados coletada no campo — caderno de campo e fotografias. Ademais, é importante ressaltar que essas traduções estão grifadas ao longo deste texto, com recuo na página e em itálico, para poder diferenciar o que é acontecimento do campo e o que é discussão textual, e como essas coisas se atravessam.

Com isso, buscando entender as situações dadas no território, se discute a cartografia. Dessa forma, é imprescindível que o pesquisador cartógrafo compreenda o caminho, é fundamental caminhar, mas quando exposto a limites, é difícil perceber o interior e o exterior. O conhecimento se expande e dissolve em planos coletivos, permitindo que o cartógrafo experimente a cidade sem estar preso a um ponto de vista específico. É importante ver o ponto de vista do observador, sem anular a observação (PASSOS, et. al., 2009).

Por isso, a metodologia de pesquisa é ancorada na cartografia e no ato de caminhar. Inicialmente, é necessário revisar a bibliografia e, em seguida, caminhar pelas galerias comerciais, registrando em cadernos de campo como o lugar se configura, a partir da prática estética⁴ de Careri (2013) e como produção e contraprodução⁵ de Jacques (2012). A caminhada é trazida como método, em que o corpo explora áreas, e a cidade se torna um palco de corpos resistentes, através da caminhada, em que o sujeito é capturado e se torna parte do sistema de espaços coletivos.

Assim, entende-se que, por meio das caminhadas, serão produzidos mapas, que transitam entre diferentes modos de expressão e representação, como desenhos, fotografia, vídeos, colagens e escrita, a serem analisados durante a pesquisa. Os dados para a formulação do projeto serão obtidos por meio das caminhadas, com o objetivo de abranger um maior número de vozes envolvidas nos *entre-lugares*.

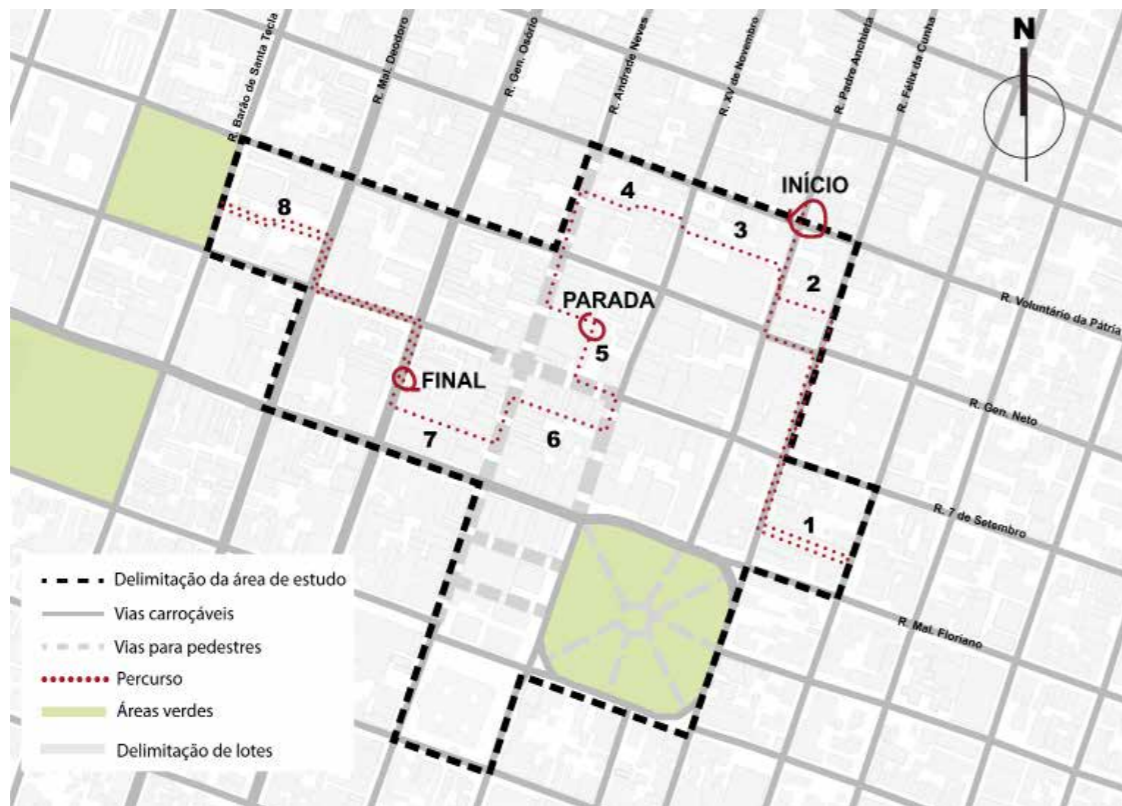
O *entre-lugares* é uma situação, um espaço intermediário que é passível de transformações, de novas significações, e que está em constante processo de renovação. O arquiteto e urbanista está em uma posição de viabilização do não definido, ou seja, o papel do arquiteto e urbanista em um *entre-lugar* seria entender como corpos podem variar ao longo do tempo, de maneira a prever diversas possibilidades para que o não-definido fosse uma possibilidade de adaptação e articulação dentro de um projeto (GUATELLI, 2012).

3 Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>.

4 A prática estética tem como objetivo despertar a sensibilidade dos caminhantes para a beleza e a complexidade da paisagem, e promover uma relação mais ativa e criativa com o ambiente urbano e natural (CARERI, 2013).

5 A produção e a contraprodução são trabalhados por Paola Jacques (2012) como conceitos de modificação da cidade, a produção desde um olhar formal e a contraprodução de um olhar informal. Ambas são formas de apropriação do espaço pelos indivíduos e são importantes para compreender como o espaço urbano é construído e transformado.

Figura 1 - A. Mapa do Brasil com destaque para Rio Grande do Sul; B. Mapa Rio Grande do Sul com destaque para Pelotas; C. Mapa urbano de Pelotas com destaque para o bairro Centro. Fonte: editado pela autora a partir da base IBGE, 2022. Figura 2 - 1. Galeria Antunes Maciel; 2. Galeria Firenze; 3. Galeria Zabaleta; 4. Galeria Malconi; 5. Galeria Satta Alam; 6. Galeria Central; 7. Supermercado Nacional e 8. Galeria do Laranjal. Fonte: editado pela autora a partir da base do Google Maps, 2022.

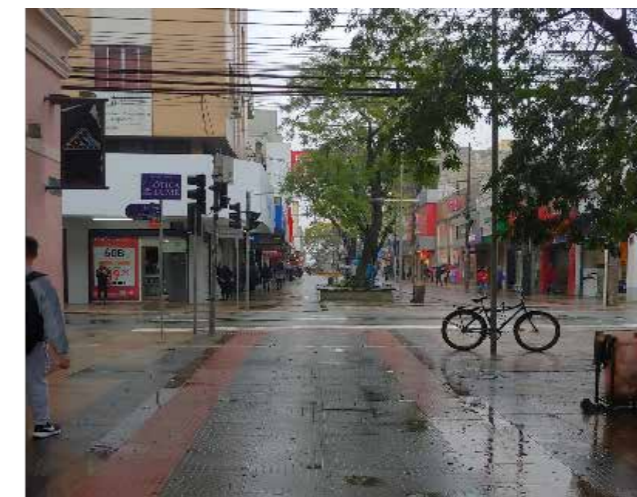
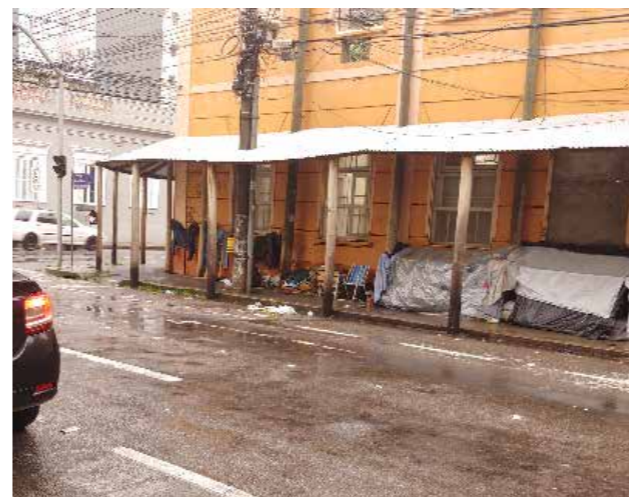


O *entre* passa a fazer parte essencial dos projetos, em arquitetura e urbanismo, no sentido em que a infraestrutura passa a ser usada como ponto focal de projetos, a iminência de criar acontecimentos. Nesse sentido, lugares transitivos ganham destaque no *entre*, já que criam situações que motivam as pessoas a transgredirem as atividades programáticas, já que eles são usados, justamente, como intermediação entre diferentes situações. Esta caminhografia busca discutir algumas relações que acontecem no território.

As caminhografias são feitas em Pelotas/RS (Figura 1), no inverno é chuvosa e fria, ao sul do Brasil. Cidade a qual tem uma forte tradição de galerias comerciais, no bairro Centro, e buscamos, desvelar as diferenças em um percurso público/privado que se mostra flexível perante suas fronteiras. Então, este ensaio apresenta uma caminhografia urbana, e através dela será tramada uma discussão sobre a caminhografia como metodologia de pesquisa, uma forma de caminhar e cartografar em conjunto. E, também, pistas sobre como essa metodologia de pesquisa pode discutir elementos da arquitetura e urbanismo.

Trajetos e traduções sobre o caminho

Pelotas, dia 4 de agosto de 2022, cheguei ao centro às 9h, horário em que a maioria das lojas abrem. É um dia de chuva intensa, me desloquei até o centro de carro de aplicativo para não me molhar tanto no caminho. Desembarquei na rua Padre Anchieta para começar a caminhografia, por um percurso que atravessa sete galerias e um supermercado (Figura 2).



Hoje, a ocupação para pessoas em situação de rua (Figura 3), que fica na esquina da galeria Zabaleta, estava sem pessoas, mas sua estrutura havia aumentado, em relação às outras caminhografias. Na primeira ela não existia, na segunda era apenas um colchão e uma lona tensionada, fazendo papel de telhado, e hoje foi difícil mensurar quantas pessoas estavam vivendo ali, mas, claramente, a estrutura estava maior. Já existiam cadeiras, roupas estendidas, caixas, além de mais colchões e lonas.

Essa ocupação foi um dos processos mais potentes nas caminhografias, ela foi se multiplicando e criando forma enquanto eu fazia as caminhadas pelo centro. Por isso, a cartografia serviu de base teórica, e proporcionou entender aquele lugar. Pois, auxiliou a compreender a produção conforme o encadeamento de acontecimentos, a qual não se produz um inconsciente fechado sobre esse acontecimento. O mapa não é — e não necessita ser — gerado a partir de um modelo gerativo, algo fixo, pois ele vai se moldando sempre a novas forças que o atravessam, assim, ele é gerado baseado em uma processualidade. Podendo ser alterado a partir de novas forças que o cruzem (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

Deleuze e Guattari (1995), explicam que a diferença entre mapa e decalque, está justamente no fato de que o mapa sempre apresenta novas entradas, e que isso pode gerar novas leituras, já o decalque volta sempre a mesma questão e não consegue gerar novos pensamentos. E com isso, pode-se discutir que esse mapa, movente, que busca entender as fricções entre o público e o privado em Pelotas, existe um deslocamento entre uma caminhografia e outra, apresentada na tradução.

Figura 3 - Ocupação de pessoas em situação de rua; Calçada com poucas pessoas; Dentro e fora da galeria Firenze e Menino Cadeirante na galeria Antunes Maciel. Fonte: da autora, 2022.

A ocupação que não existia, passa a existir pequena e se modifica. O que se pode pensar dessa ocupação? Ela se situa na mesma quadra de uma galeria que possui uma estrutura fixa, rígida e vigiada. Já a ocupação possui uma estrutura fluída que se modifica com o passar do tempo e ninguém a vigia. Não são oposições, são complementações, são entrecruzamentos, a cidade tem diversas possibilidades e em decorrência dessas possibilidades as pessoas se estabelecem de maneiras distintas. Independente de serem maneiras que a lei permite ou não.

A rua está cheia de pedestres, ainda que chova. Porém, as pessoas caminham de uma maneira diferente, todas buscam marquises para se abrigar, e procuram passar por lugares que não tenham poças de água no chão. Eu caminho pela rua General Neto, na calçada que caminho tem postes, a calçada é tão estreita que meu guarda chuva tranca entre os postes e fachadas de casas — que não possuem recuos frontais. Prefiro atravessar a rua, pois os postes dificultavam meu caminhar.

A maneira de ocupar Pelotas nos dias de chuva é distinta. Para entender, é início de uma manhã de chuva intensa, no horário que saí de casa fazia em torno de 13°C, uma temperatura considerada baixa, em decorrência da umidade que faz com que a sensação térmica seja mais baixa. As pessoas buscam não se molhar, buscam abrigo, fogem da água de maneira sistêmica. A cidade funciona em desacordo com os pedestres nesse sentido, grandes poças de água se acumulam na via carroçável, por onde os carros passam em altas velocidades e jogam água nos pedestres.

Ademais, a área analisada é histórica, com muitas casas antigas sem recuos frontais, calçadas estreitas e muitos postes de luz, que ocupam grande parte da calçada, por isso a dificuldade em andar com o guarda-chuva aberto. Segundo o último relatório de Normais Climatológicas de 1971-2000, a EMBRAPA aponta que Pelotas tem 124,1 dias de precipitação ao ano, ou seja, 34% do ano são dias de precipitação. Esse ponto deveria ser um ponto chave para se discutir a urbanidade, é necessário atentar para as relações entre pessoas e dias chuvosos, para assim, seja possível poder discutir meios de uma potencialização da vida na rua.

Dobro a esquina e caminho pela rua Félix da Cunha até entrar na galeria Antunes Maciel. De longe vejo um menino, que deveria ter entre 10 e 15 anos, cadeirante acompanhado de um homem, que utilizava o sentido de fluxo que parecia a lógica dessa galeria — sentido bairro/centro.

Quando chego ao outro acesso da galeria percebo que ela possui um degrau, de aproximadamente 10 centímetros, esse degrau parece compensar o desnível entre uma rua e outra.

A acessibilidade, de maneira geral, versa sobre o acesso, ou seja um lugar ser acessível, quer dizer que qualquer pessoa possa adentrá-lo, e ainda devem proporcionar igualdade perante os direitos e deveres dos cidadãos (SILVA, 2002). Essa galeria não está adequada ao conceito de acessibilidade, entretanto o menino faz uso dela, eu me perguntei como ele teria subido o degrau, teria pedido ajuda ao seu acompanhante? De qualquer modo, esse degrau se torna uma barreira para pessoas com baixa mobilidade, e não permite que todos tenham acesso de maneira autônoma.

Em um dos acessos da galeria, junto ao degrau, existe uma cafeteria que está cheia, barulho alto de pessoas conversando, cheiro de café sendo preparado, e quando olho para dentro do estabelecimento praticamente todas as mesas estão ocupadas.

Careri (2013), fala sobre o avanço do caminhar ao parar como sendo uma única ação. Algo que perpassa o nômade e o sedentário, que está entre os dois, é um e o outro. O parar é tão importante quanto o caminhar, já que o parar significa o descanso, o

posso, é no parar que se sedimentam os pensamentos, nesse momento é possível fazer a identificação de territórios, que se pode encontrar o outro, é a construção das relações do território. A galeria não só estabelece o movimento, mas também permite que se pare, esse movimento se dá em lugares como cafeterias, onde elas podem sentar, e desfrutar de alguma maneira de intervalo em seus dias, ainda que não seja uma relação exaustiva de caminhar e parar, as pessoas acabam por estabelecer esse vínculo de algum modo.

O parar também estabelece uma relação com a recuperação do tempo. Se no parar é a possibilidade da sedimentação dos pensamentos, pode-se usar ele também como recuperação do espaço e do tempo perdido dentro de um sistema produtivista, controlado, onde quem pará pode criar novas formas de estar e habitar um lugar. Não só através de novos pensamentos ou novas discussões, mas também de maneira estética dentro de um sistema programado para não parar (CARERI, 2013).

Saio da galeria e vou em direção a galeria Firenze pela rua Félix da Cunha, eu queria dobrar antes da galeria. Pois esse quarteirão estava vazio e havia um carro estacionado no meio da via, eu atravessasse antes de cruzar com ele, e entrei rápido na galeria.

É fato que as mulheres carregam uma carga de precauções e de fardos ao longo da vida, e a cidade é palco, muitas vezes, desses acontecimentos (KERN, 2021). Isso, de fato, já está incorporado no cotidiano das mulheres, porque quando executam ações simples, como caminhar, é necessário saber como e para onde fugir de uma possível situação conflituosa, isso quer dizer muito sobre a segurança cidadina.

Eu não sabia qual ameaça aquele carro poderia exercer sobre o meu corpo, eu não sabia se aquele carro poderia, sequer, exercer alguma ameaça sobre o meu corpo, e ainda assim eu corri, eu me desconcentrei. A galeria naquele momento foi um de respiro, pois sabia que, dificilmente, alguém faria alguma coisa comigo, por isso, também, a importância de lugares coletivizados, onde se possam ter acesso, pois eles corroboram, pelo menos, na sensação de segurança.

Quando entro rápido percebo que o piso está escorregadio e logo vejo a placa sinalizando isso, quase junto ao acesso. Porque um lugar de uso público é feito com um revestimento desse tipo? Eu, uma mulher com plena mobilidade e plena visão, escorreguei e perdi o equilíbrio, imagino que pessoas com dificuldades motoras não devem caminhar bem em dias chuvosos.

Quando me estabilizo e olho pra frente percebo que junto ao outro acesso tem um caminhão estacionado, ele tapa a visual da rua, deixando uma visual parcial da rua. E, então, começo a pensar nas relações de dentro e fora que as galerias possuem. Me pergunto o que eu veria se o caminhão não estivesse ali. Esqueço completamente as lojas que existem ali dentro, eu queria ver a rua, e essa relação que a galeria proporciona.

O dentro e o fora que as galerias comerciais permitem dentro da malha urbana é um conceito importante a se pensar. Guatelli (2012) fala que *entre-lugares* são o vir-a-ser, que estão sempre nas fronteiras e que exploram as tensões do entre. As galerias estão nessa fronteira entre o público e o privado, na fronteira do dentro e do fora, elas tensionam as visuais, e além disso, elas também tensionam as sensações que temos dentro da malha urbana. Um ambiente legível oferece segurança e possibilita uma experiência urbana mais intensa, uma vez que a cidade explore seu potencial visual e expresse toda a sua complexidade.

Ainda que o conceito que entre esteja, justamente, na questão de romper o óbvio, e se modificar usando como propósito as manifestações do lugar, as galerias acontecem como uma fronteira entre a arquitetura e o urbanismo. E por isso, é possível pensar o

dentro e fora que elas propiciam quando se está caminhando por dentro delas, elas rompem exatamente a barreira formal de edifício-urbano, é um jogo essa associação entre infraestrutura formal da edificação e malha urbana da cidade.

Quando saio da galeria penso em abrir o guarda-chuva de novo, e me pergunto se é realmente necessário ficar abrindo e fechando-o entre uma galeria e outra. Decido colocar o capuz do casaco, para conseguir caminhar sem me bater em postes, em fachadas de casas e no próprio guarda-chuva.

A arquitetura não é fato isolado, ela direciona nossa atenção e experiência, e também da estrutura conceitual e material para às instituições societárias, bem como condições à vida cotidiana (PALLASMAA, 2011). A arquitetura deveria se integrar ao urbanismo, dar suporte para as experiências, e assim configurar um ambiente de equilíbrio das fronteiras de um e outro.

Esse pensamento não dura muito tempo na minha cabeça, pois ouço uma voz de um homem, ou dois. Vejo um homem caminhando em uma calçada, mas eu escutava duas vozes, aparentemente. Caminho em direção às vozes, e atrás de um tapume de obra, surge outro homem, que estava em calçada diferente do primeiro homem que eu havia avistado antes.

Eles falavam algo que eu não entendia bem, caminhei mais devagar no intuito de esperar que eles me encontrem, para poder escutá-los. Coloquei toda minha atenção naquele momento, o ambiente era quase um cenário para aquele acontecimento. Um dos homens que falava adentrou a galeria Zabaleta. Então eu caminhei mais rápido para acompanhá-lo. Avisto um guarda-chuva na porta da galeria Zabaleta, queria pegá-lo para fazer alguma intervenção, mas não dava tempo, ia perder o homem — que agora cantava alto.

“Para as artes cênicas em geral, não só para o teatro, a rua trouxe uma alternativa de sobrevivência para o artista, mas, além disso, trouxe a possibilidade da arte se apropriar da cidade e alcançar outros horizontes ao se aproximar, também, do público” (BRITO, 2017). A diversidade de camadas possibilita que pessoas se apropriem da rua, e de lugares coletivizados, para criação de uma situação. Nesse caso o homem cantava, ao que parece, sem intenções, mas ele poderia criar uma situação favorável para uma apresentação de música.

A cidade permite que situações como essa se estabeleçam e criem diferentes cenários em um mesmo ambiente. O tato, ainda que seja o caminhar como tato, integra a experiência corporal “mesmo as percepções visuais se mesclam e integram no continuum tátil da individualidade; meu corpo me faz lembrar quem eu sou e onde me localizo no mundo” (PALLASMAA, 2011, p. 11), o corpo nos faz sentir as experiências de maneiras distintas, esse homem, cantor, me fazia contemplar a cantoria e, também, me fazia entender que àquela experiência só poderia ser vivida naquele local, fruto daquela cultura, daquela estrutura conceitual, daquela vida urbana e cotidiana específica.

Ele canta com um voz linda e afinada, que preenche toda a galeria. Quando ele entra na galeria (Figura 4), eu entro logo atrás e caminhei devagar para tentar acompanhá-lo. Percebo que o segurança da galeria também presta atenção nele, mas o segurança não faz menção de que vai impedi-lo.

Ele pára em uma cafeteria da galeria Zabaleta e começa a conversar sobre o dinheiro que havia conseguido durante a noite, não consigo entender o resto da conversa. Entretanto, o homem e os atendentes da cafeteria eram conhecidos, eles conversavam com certa intimidade.

Jane Jacobs (2005), explica que esses contatos cotidianos são, em certa medida, banais, todavia ao passo em que eles se tornam recorrentes e assíduos, eles se tornam uma construção do lugar. O que isso quer dizer? Quanto mais recorrentes esses contatos cotidianos, mais se cria uma unidade pública desta localidade, já que contatos como esse trazem confiança para a rua, ainda que essa seja uma rua privada.

A vida pública nas calçadas — nesse caso a calçada das galerias — auxilia que a vida urbana cresça, contudo, as galerias carecem de elementos que criem esses contatos cotidianos. A interação entre as pessoas é essencial para que a vida pública cresça, e quando estamos na rua podemos perceber diversos elementos, ainda que pequenos, que trazem vida pública para esses lugares. A questão central é como amplificar esses elementos de maneira com que se tornam recorrentes e façam uma melhor integração entre público e privado.

Esse acontecimento me fez esquecer completamente o resto da galeria. Então passo pelo homem, olho para a frente e consigo perceber que a galeria possui um ponto de fuga, quando se está perto do acesso da rua XV de Novembro. Saí rápido da galeria Zabaleta em direção a galeria Malcon, para não precisar abrir o guarda-chuva.

As galerias possuem uma característica de limite, que são constantemente percebidos como ligação entre um elemento e outro, tal como o conceito de *entre-lugares*, de Guatelli (2012), elas não têm, exatamente, uma característica de início ou fim. Elas dão permeabilidade dentro da cidade e se conectam, e ao mesmo tempo dando visuais ou sendo barreiras. Esses elementos acabam por ter visuais focais, e acabam por poder segregar como forma de ser um limite entre a via pública e privada.

As galerias servem como suporte à rua nos dias de chuva, elas possuem a proteção que a malha urbana precisa para os pedestres, esse poderia ser um ponto forte de integração entre público e privado, mas, ainda assim, de uma maneira geral, as galerias, em Pelotas, possuem uma infraestrutura débil no que diz respeito a acessibilidade, podendo ser, por vezes, escorregadia, possuir degraus, e tantos outros fatores que já citados nesse texto, que dificultam o acesso das pessoas à esses lugares.

Hoje, surpreendentemente, a galeria Malcon é a que possui menor movimento (Figura 4), normalmente é ao contrário. Hoje dois seguranças estão situados no meio da galeria. As lojas estavam abrindo, a cafeteria ainda estava fechada, as atendentes recém organizavam cadeiras para que as pessoas sentassem. O movimento de abertura me causa um desconforto de estar passando por ali, caminhei um pouco mais rápido, conscientemente.

Chego no calçadão da rua Andrade Neves que tem menos movimento que nas caminhografias, feitas previamente, talvez pelo fato de estar muito próximo do horário de abertura do centro ou pela chuva. Caminhei tranquilamente pelo calçadão, não tem pessoas me oferecendo coisas para comprar, nem pessoas querendo me dar panfletos, tampouco movimento para que eu desvie.

Entro na Satte Alam e penso que hoje esse é um bom lugar para tomar um café, me sento na cafeteria dentro da galeria e fico observando o corredor, tento puxar assunto com a atendente, mas a tentativa foi falha. Então, fico observando a galeria sozinha. Muitas pessoas param em vitrines de lojas que vendem jóias e semijoias, eu estava de frente para o corredor que devia ter em torno de 3 lojas desse tipo. Quase se formavam pontos de interrupção à circulação, como bolhas que paravam o fluxo contínuo e rápido da galeria.

As galerias são moldadas pela relação entre seus elementos e sua movimentação, juntamente com a maneira como essas conexões se compõem ou se decompõem

com seus elementos vizinhos. Também, pela sua relação de velocidade e lentidão em relação à outros corpos, pois nesse caso, onde os corpos são programados para estarem rápidos, a velocidade lenta aponta para alguma questão importante de ser observada, por que esses lugares servem para estar parado ou lento enquanto outras galerias não possuem esses respiros?

A temática abordada é a relação entre elementos e partículas, e sua capacidade de atingir um estado de passagem, devir ou salto dentro de um plano de imanência pura. O sucesso ou fracasso dessas conexões não se dá por uma questão de natureza irreduzível, mas sim pela falta de tempo ou pelo atraso dos elementos em relação ao agenciamento⁶. Esses avanços e retrocessos são parte integrante do plano, até mesmo os fracassos. É fundamental compreender esse mundo no qual um mesmo plano de imobilidade ou movimento absoluto é percorrido por elementos informais de velocidade relativa, que entram em diferentes agenciamentos individuais, de acordo com suas velocidades e lentidões (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Duas mulheres entraram no café onde eu estava, elas conversam muito alto o que acaba tirando minha atenção. Eu sou invadida pela conversa delas, e já não consigo mais prestar atenção nos meus próprios pensamentos.

O campo e seus diversos atores, são ferramentas importantes para obtenção de dados e discussões dentro do urbanismo, porém sem a atenção plena e sem que o sujeito pesquisador esteja disposto a receptividade, torna-se custosa a compreensão global do que se desenrola no lugar.

A experiência pressupõe que o sujeito esteja aberto a novas possibilidades. Por isso, é essencial que na experiência se tenha atenção, o sujeito precisa estar exposto a situações, de maneira vulnerável e de risco, a atenção se dá no sentido de ter atenção às coisas que atravessam o sujeito. Como se esse sujeito estivesse sempre aberto e disponível essencialmente à experiência, e assim com a atenção perceber as estruturas ao seu redor — objetos, pessoas (BONDÍA, 2001).

Cheguei no café às 9h50min e saí às 10h30min, pouca coisa aconteceu nesse meio tempo. Entretanto, essa galeria é lenta, as pessoas caminham sem pressa, param nas vitrines, entram nas lojas. Também possui um movimento reduzido, além disso, as pessoas caminham, em sua grande maioria, solitárias.

Saio da galeria e a chuva havia cessado. Caminho pela rua Sete de Setembro e havia muito lixo no chão (Figura 4), no lugar que normalmente estão alguns vendedores informais. Me pergunto onde estavam os vendedores, e porque nunca tinha visto lixo no chão até então.

Quando caminhava pela rua XV de Novembro, avistei um homem sentado em um banco em frente a galeria, ele conversava com alguém que eu não enxergava — mas parecia estar dentro da galeria. Quando cheguei perto da galeria percebi que ele conversava com uma vendedora informal (Figura 5), que estava situada, exatamente, no limite entre a galeria Central e a rua. Genial! Pensei.

Ingold (2013), fala, durante seu livro, que não só pela confluência, mas também pela disjunção. Lugares podem ser produzidos através de pontas soltas, que, podem, se unidas a outras pontas soltas são capazes de elaborar novos significados. Ele transforma a ideia de que a linha tem um início e um fim, existe uma indefinição a partir

⁶ O agenciamento diz respeito a um transbordamento de várias dimensões, é a modificação da natureza de um corpo, tornando-o outro a partir dos atravessamentos (DELEUZE, 1995).



da linha, e se deve entender que o crucial é sempre buscar novas formas, ainda que algo pareça óbvio.

As novas formas são necessárias, a vida se modifica e, ao passo que a urbanidade também deve se modificar. A cidade não é estática, novas formas de vida, novas pessoas, novas formas de habitar, novas maneiras que as pessoas veem os lugares devem fazer com que haja modificações nas localidades, e isso parte, ou deve partir, das produções de subjetividade em que os sujeitos estão expostos cotidianamente.

A mulher usava toda a estrutura que a cidade oferecia para ela. Usava a marquise da galeria para se proteger da chuva, essa galeria apresenta uma espécie de rampa, onde ela situa um carrinho com os produtos para serem vendidos, exatamente na parte mais alta da rampa, para chamar mais atenção. E ela se situava abaixo da rampa.

Segundo José Lamas (2010), dentro da morfologia urbana, fala sobre o conceito de forma urbana, que consiste em uma associação e configuração de elementos morfológicos, e que faz a ligação entre as arquiteturas. A partir disso, se pode entender que a forma urbana é o conjunto de ações, e de soluções de problemas, de modo que conforme se configuram dentro do tecido urbano da cidade constituem o espaço urbano, agregados sempre às pessoas que utilizam esse espaço.

Eu fico pensando se essa mulher sempre se situa ali nos dias de chuva? Se alguém, porventura, já tentou retirá-la dali? Existe algum tipo de pacto que a permita ficar ali nos dias de chuva? Além disso, ela ainda conversava com um homem que estava fora da galeria. Ela rompia qualquer estrutura dentro/fora que poderia existir naquele lugar, tudo se conectava com essas duas figuras ali situadas.

Resgato o conceito de *entre-lugar*, de Guatelli (2012), que diz respeito a não ser um nem outro, ser o entre, um vir-a-ser, uma nova possibilidade. Esse conceito diz respeito às tensões dos corpos no urbanismo e na arquitetura, que acabam por se transformar ao longo da história. Uma a-significação, que a partir desses a-significantes é possível criar novas possibilidades para pensar as cidades contemporâneas.

É possível pensar que a vendedora informal rompia a estrutura urbana dada, já pré-figurada, onde diz que a galeria é um lugar privado, e que a rua é um lugar público. Para vendedores informais o público, o privado para os vendedores formais. Ela se coloca entre, exatamente na fronteira, em que pode desconfigurar e criar novas configurações para o espaço, assim se dão as modificações do espaço através das pessoas.

Entrei devagar na galeria, e dessa vez não escorreguei no piso molhado. Eu andava tão lenta, atentando à vendedora, que quando

Figura 4 - Cantor; Galeria Malcon abrindo; Lixo na rua Sete de Setembro. Fonte: da autora, 2022.

entrei na galeria estava com a atenção plena, esperando que qualquer coisa me afectasse. Assim, antes de escorregar, enxerguei as placas sinalizando o piso molhado. Nessa galeria também tinham baldes abaixo de goteiras.

Esse sujeito é o território que está pronto para ser afectado⁷. É uma superfície sensível, um território de passagem, não como lugar físico mas como lugar que se pode chegar ou que se pode acontecer. É um sujeito que se expõe, pois só é sujeito da experiência quem se expõe, e está pronto para receber o indeterminado, o inesperado, e provar essa indeterminação (BONDÍA, 2001).

Entre placas e baldes o trajeto ficava quase um zigue-zague, não era o trajeto habitual pelo centro da galeria. O movimento na galeria estava intenso, as pessoas desviavam das placas e dos baldes. Além disso, algumas pessoas ficam um certo tempo olhando vitrines. Parece que as galerias funcionam como respiro na cidade em dias de chuva.

O zigue-zague de Deleuze (2011) expressa movimento, e com o movimento vem a ideia da criação. Para ele o Z é o último, que nos faz voltar ao A, a ideia de ter dois potenciais — o Z e o A — significa que existe um precursor sombrio entre eles, o que isso significa? Significa que o Z e o A são dois mediadores do que há entre eles, há um trajeto, um percurso, entre eles e isso faz com que a criação seja possível.

Se unido à discussão, já apresentada, sobre as partículas, e como os elementos se compõe e se decompõe a partir de outros elementos, as placas e baldes alteram o trajeto das pessoas que utilizam as galerias, e o zigue-zague faz com que o percurso seja lento, e demorado. Pode ser que isso corrobore com a diminuição da velocidade, dentro das galerias, em dias chuvosos, pois isso também cria partículas que se compõe com diferentes elementos, como a vendedora informal.

No meio da galeria havia um carteiro conversando com um guarda municipal, bem em frente ao elevador. Porém, nesse dia eu estava mais atenta aos eventos que desestruturam a lógica da cidade e não dei muita atenção à eles conversando, tampouco tentei ouvir o que falavam.

Mas um elemento me chamou atenção. A bicicleta do carteiro (Figura 5), parada em frente a galeria, ela ocupava uma parte do acesso da galeria, e me chamou a atenção porque os dois extremos da galeria estavam ocupados com elementos visuais e móveis. Quais outros elementos seria possível adicionar aos acessos sem que fossem retirados imediatamente?

De novo passo por dentro do Supermercado Nacional⁸, hoje parece ter mais pessoas usando-o apenas como lugar de passagem, assim como eu.

Essas passagens surgem, e criam-se novas orientações no espaço até então construído. As galerias representam ruas, como uma espécie de *intérieur*, porém amplamente habitado, como uma sala de estar coletiva, que se tornam novas vivências, que se conhece, que se inventa e experimenta de maneiras diferentes, do que até então acontecia no interior dos quarteirões (BENJAMIN, 2009).

⁷ Afecto diz respeito ao encontro de corpos, e como um corpo deixa impressões sobre o outro (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Corpos quaisquer, pode ser um objeto que deixa marcas sobre uma pessoa, uma pessoa que deixa marcas sobre outra, etc.

⁸ Esse supermercado funciona como passagem por dentro da malha urbana, assim como as galerias, e serve de passagem durante as minhas caminhografias.

Saio do supermercado e não tenho coragem de ir pelo mesmo lugar da última⁹ caminhografia, ainda estava com medo do homem que me seguiu. Sigo pela rua Sete de Setembro em direção à galeria do Laranjal.

Mulheres, de uma maneira geral, deixam de passar por certas áreas, onde podem ocorrer qualquer violação de seus corpos. Leslie Kern (2021), fala sobre a importância da alteração de lugares públicos para que nós, mulheres, possamos habitá-los com mais tranquilidade, ela fala, ainda, que por isso há a importância de criar rotas por onde possamos caminhar bem.

O local por onde me desloquei era hostil, mas eu encontrei maneiras de me abrigar dentro de uma floricultura, onde os atendentes foram gentis e me deixaram ficar ali por algum tempo. Se eu não tivesse reparado nesse homem que me cuidava, depois talvez eu não teria onde me abrir e, também, talvez não tivesse uma rota de fuga daquele lugar.

Eu precisava comprar um guarda chuva, pois o meu havia quebrado uma haste com o vento mais cedo. Havia uma loja, ao lado da galeria do laranjal, que o atendimento era na calçada e decido parar ali. Quando cheguei havia um homem falando para o vendedor o porquê votar no Lula para presidente nas eleições¹⁰. Ele conversa por cerca de 10 minutos, e o vendedor está nervoso que eu saia dali e não compre nada, eu espero e aprecio a eloquência do homem que falava. Quando ele acaba de falar, eu compro meu guarda-chuva e saio dali.

Chego na galeria do Laranjal e ela parece mais escura que o normal. O piso também está escorregadio, e também possui placas avisando do piso molhado e baldes para as goteiras. A caminhada é em zigue-zague, além de no final o pedestre ser direcionado para as laterais da galeria pela fila de espera do ônibus.

No corredor da galeria tem duas mulheres conversando (Figura 5), elas estão escoradas na parede. Uma delas fuma, a outra toma chimarrão. Elas pareciam confortáveis ali, parecia uma conversa de meio do expediente. Me pareceu interessante a maneira como elas ocupavam a galeria, não tinha cadeiras, nem qualquer outro dispositivo que as fizesse ficar mais confortáveis. O que me chamou atenção foi que, de repente, se nesse dia fizesse sol elas poderiam estar na rua, mas como chovia elas compuseram outra paisagem.

De fato, ocupamos a cidade de uma forma diferente em dias de chuva, procuramos por abrigo para não nos molharmos. Esse dia, diferente das outras caminhografias, meu corpo quase implorava para entrar nas galerias. Dentro das galerias é possível ficar abrigado, não só da chuva, de fato, mas como tudo que ela gera. Por exemplo, dentro das galerias eu não precisava desviar das poças de água, até perceber que eu teria que desviar de goteiras, foi aí que eu fiquei mais desgostosa com as galerias.

Saí de casa pensando que as galerias iriam me abrigar e quando cheguei na galeria Firenze e me desequilibrei foi um choque pra mim. Eu pensava que as galerias seriam apenas abrigo nesse dia e que não seriam também desconforto. Essas mulheres que

⁹ Durante a segunda caminhografia um homem me seguiu, e, em certa medida, eu tive medo de continuar pelo mesmo caminho. Tive que repensar os caminhos e repensar estratégias para seguir com as caminhografias urbanas, mudei os caminhos, pois não queria reviver o trauma que ainda estava recente.

¹⁰ Essa caminhografia foi muito próxima às eleições de 2022, e esse ano foi um ano de disputa voto a voto.



Figura 5 - Vendedora informal; bicicleta no limite da galeria Central; Mulheres conversando no corredor da galeria do Laranjal e ao fundo fila para ônibus. Fonte: da autora, 2022.

conversam dentro da galeria do Laranjal certamente a usam como abrigo, pois a usam para conversar e passar o tempo em conjunto. As galerias também compõe um lugar de aconchego, ainda que seja breve.

Os atendentes das lojas se dispunham próximos às portas. Parece um movimento em busca do que fazer, o movimento nessa galeria, nesse dia, se dava basicamente na fila para pegar os ônibus para o Laranjal.

O urbanismo busca uma possível orientação e uma territorialização do lugar, o que é esquecido durante esse processo é a possibilidade de rápida modificação. O cotidiano faz com que o urbano seja modificado diariamente, e com a organização dos urbanistas isso se perde, em certa medida. Muitas das apropriações e intervenções cotidianas escapam do planejamento, mas elas deveriam estar incluídas nessa região (JACQUES, 2013).

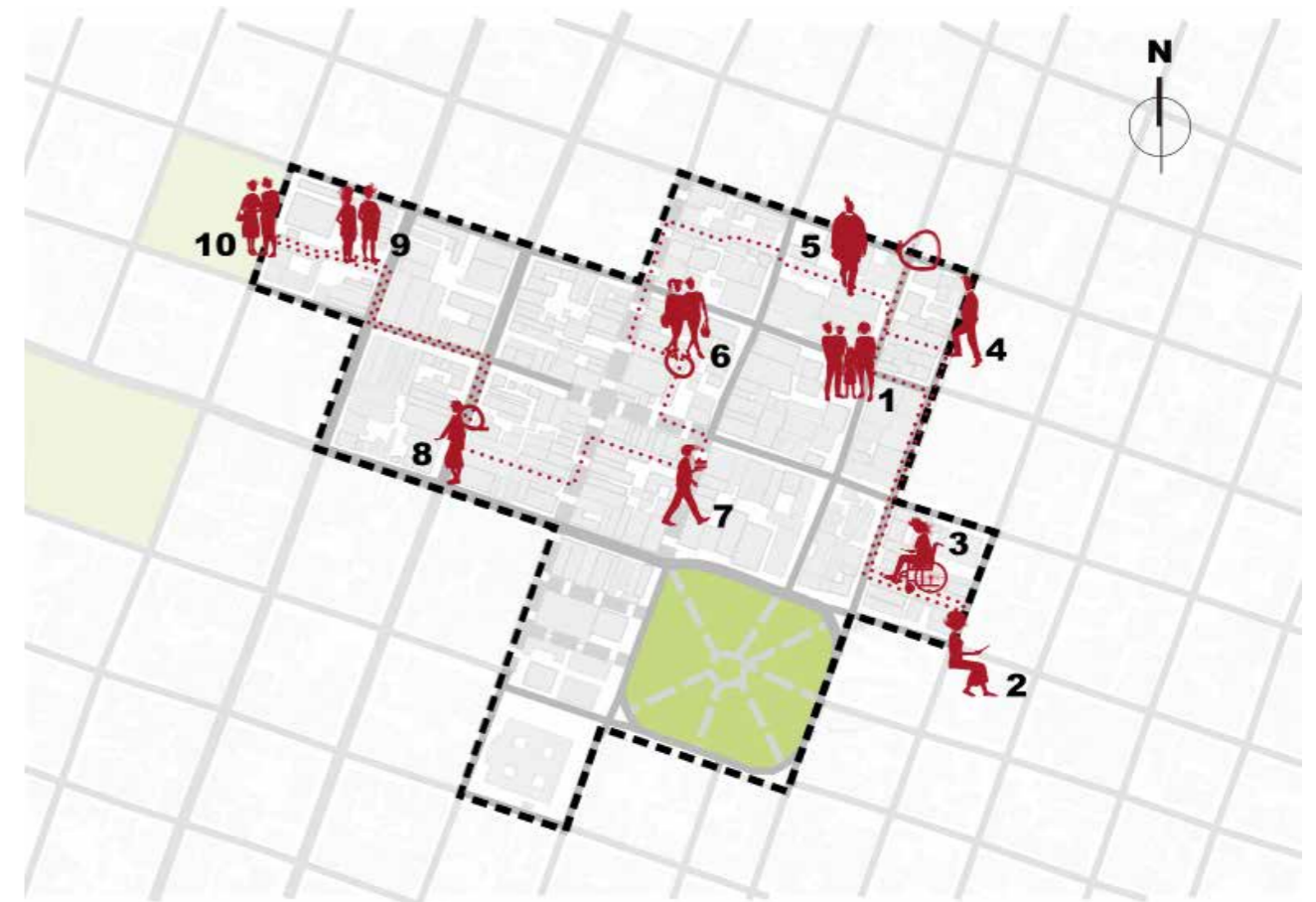
E por isso, os praticantes ordinários atualizam, todos os dias, projetos. Eles vêem a cidade de dentro, e entende como pode modificá-la a partir da sua experiência no lugar. São duas lógicas, uma que planeja e que é hegemônica, enquanto a outra é tática, é cotidiana, e é subversiva (JACQUES, 2013). Precisamos romper o limite delas e entender como jogar com o urbano em áreas estratégicas, precisamos entender como acontecem as disputas de poder, e aceitar que a cidade não pode seguir apenas uma lógica do planejamento, pois essas coisas se alinham, e caminham juntas na contemporaneidade.

A fila para pegar os ônibus era grande, e consigo tirar uma foto que mostra algo que eu já havia percebido que acontecia. O fluxo de pessoas passando se desloca para as laterais, quando se aproxima da fila do ônibus. Volto por dentro da galeria, e me direciono para a parada de ônibus por volta das 11:30, para voltar para casa.

(In)conclusões

Com o corpo atento dentro da cidade, podemos perceber múltiplas diferenças que só podemos atentar quando no campo. De cima seria muito difícil perceber como o piso da Galeria Firenze fica escorregadio em dias chuvosos, como a vendedora informal se localiza logo na entrada da galeria Central para vender salgados, ou ainda eu não colocaria meu corpo à prova do medo.

A cidade requer, além de análises do campo macro, também requer o campo micro, organizamos um mapa (Figura 06) com pontos discutidos no texto, em ordem de apresentação, que seriam pouco prováveis de serem levantados a partir da macro escala. Em um intuito de apresentar o que acaba por romper fronteiras de alguma



forma, seja pelo tempo diferente do habitual, pela falta de acesso ou pela conexão inesperada.

Com o campo podemos entender sobre atenção, e sobre como discuti-la como nos fala Bondía (2002), Careri (2017) e tantos outros autores. Os detalhes da cidade precisam ser discutidos a partir do pedestre, em como há um degrau que dificulta o acesso à galeria Antunes Maciel, entretanto, ainda assim um menino cadeirante está dentro dela. Com esses detalhes é possível repensar a cidade, essa que não é estática, e se modifica todos os dias. E ainda que seja impossível cartografar todos os acontecimentos da cidade, podemos discutir alguns para que as cidades sejam mais justas ao longo do tempo, e que mais pessoas tenham acesso e direito à estruturas básicas na contemporaneidade.

Repensar a cidade como algo que não é estático, parte dos *entre-lugares*. Como Guatelli (2012) explica, o vir-a-ser está no âmbito da processualidade, na transformação dos corpos que compõem um lugar, e como as pré-figurações podem compor a criação do novo. A vendedora ambulante está no *entre* galeria, está protegida da chuva, na marquise da galeria, e ao mesmo tempo está em uma área aberta, pública. Ela está *entre* o formal, a galeria, e o informal, vendendo alimentos em uma banca móvel. Ela me fez pensar na possibilidade de um projeto urbano mais flexível, que possa envolver mais dinâmicas, e que possa possibilitar mais mudanças ao longo dos anos.

Ainda, fica uma reflexão sobre a cidade de Pelotas, pois é uma cidade chuvosa, e como a infraestrutura urbana não é pensada para os pedestres. Na rua as pessoas caminham rápidas, procuram abrigo para não se molhar, desviam de poças de água, postes, fora todos outros obstáculos que normalmente já são enfrentados por eles. Ademais a rua não dá suporte para que as pessoas parem para descansar ou conversar, e nesse caso as galerias funcionam como abrigo para a cidade, onde há uma troca mútua entre as duas, elas trocam funções em dias chuvosos e de sol, e suas fronteiras nunca são fixas, elas se adaptam conforme as situações.

Figura 6 - 1. Ocupação para pessoas em situação de rua; 2. Café na galeria Antunes Maciel; 3. Menino cadeirante; 4. Fuga do carro estacionado; 5. Cantor; 6. Atenção (mulheres conversando no café); 7. Vendedora informal; 8. Mudança de caminho por medo; 9. Diferente uso da galeria do Laranjal; 10. Fila da galeria do Laranjal. Fonte: editado pela autora a partir da base do Google Maps, 2022.

Podemos discutir a cidade com o corpo, ainda que meu corpo não fale sobre todos os corpos. Existe a importância da discussão de diferentes corpos de dentro da cidade, para que não só a cidade, mas também a arquitetura seja mais inclusiva. Para que políticas públicas, ações urbanas e diversas outras ações tomadas sejam feitas com cautela, e que sejam pensadas para as pessoas que habitam o urbano e os edifícios.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo: Editora UFMG, 2009.
- BONDÍA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n.19, p. 20-28, 2002.
- BRITO, Marcelo Sousa. *O teatro que corre nas vias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017.
- CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- EMBRAPA. Estação Agroclimatológica de Pelotas (Capão do Leão). [Home Page]. Disponível em: <<http://agromet.cpact.embrapa.br/estacao/normais.html>>. Acesso em: 22 maio 2023.
- DELEUZE, Gilles. *Abecedário: um dicionário filosófico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia Vol. 1*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia Vol. 4*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos Entre-Lugares, sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.
- INGOLD, Tim. *Líneas: uma breve história*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2015.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- KERN, Leslie. *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
- LAMAS, José. *Morfologia Urbana e o desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- OLEGÁRIO, Fabiane; CORAZZA, Sandra Mara. Escrita do arquivo e a invenção de procedimentos didáticos tradutórios. In: *Revista Linhas*. v. 19, n. 41, p. 242-258, Florianópolis: 2018.
- PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Líliliana da (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SILVA, Idari. *Construindo a cidadania: Uma análise introdutória sobre o direito à diferença*. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.